

Biosofia: viver com sabedoria - movimento pela continuidade, defesa e qualificação da vida

Claudionei Vicente Cassol¹

1 Primeiras palavras biosóficas: tentativas de situar o objeto de estudo

A vida, acontecimento e compromisso complexos desenvolvidos no horizonte do concreto, enquanto organizada e desenvolvida pelos estímulos biológicos, emotivos e pela potencialidade do pensar, pauta-se, nesta relação, pela ética e inter-relaciona-se com o educacional, o político, o científico, o social, o cultural e o econômico e assume a sabedoria, a racionalidade humanizadora, tanto quanto a integralidade do humano, em movimentos que não abandonam o solidário, o dinâmico, o dialético e, portanto, a práxis, em contínuo aprender e apreender, elaborar e comunicar novos sentidos, significados e compreensões. Por isso a sabedoria da vida incorpora o diferente a todo momento e sustenta-se pelas vias do diálogo (DALBOSCO, 2007), da aproximação, sem, no entanto, abdicar do esforço de entendimento, ainda que minimamente para, ao considerá-lo latência, constância, movimentar-se na busca da ampliação do pensar, do compreender, da atitude em conexões sabedoras da necessária harmonia pessoal, social, espiritual e cosmológica, ainda que complexas e sempre em construção.

Esse horizonte se estabelece com a Biosofia na compreensão e adoção de sentidos que o grupo de pesquisas e estudos em filosofia, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Frederico Westphalen-RS – URI-FW – através das linhas de pesquisas 1) Bioética, Teologia e Filosofia Latino-Americana, 2) Epistemologia e Educação e 3) Sociedade, Cultura e Tecnologias tem se ocupado enquanto debates, formações e construção teórica.

Nesta perspectiva, Biosofia é um neologismo carregado de sentidos identificados com a práxis que não intenciona simplificar-se e estruturar-se em formalismos e dogmas, mas colocar-se na proposição teórica da dinamização das reflexões para um pensar ampliado que incorpore, inclua, a complexidade dos

¹ Doutor em Educação nas Ciências – PPGECC – Unijuí (Bolsa PROSUC/CAPES). Professor na URI – Frederico Westphalen-RS e CEEDO – Cerro Grande-RS. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisa e Estudos em Filosofia), URI-Frederico Westphalen e do Grupo de Estudos Práxis: Educação, Sociedade e Docência – Unijuí-Ijuí. E-mail: cassol.cv@gmail.com

elementos que envolveram, envolvem e envolverão a vida enquanto acontecimento ímpar, único, no cosmos. E desse ponto institua-se enquanto campo de conhecimento integral e integrador, considerando a centralidade da capacidade humana de pensar, organizar ações, perspectivar e dinamizar as existências, as vivências, as experiências na efetivação de relações harmônicas e harmonizantes, potentes para mover-se no assegurar a manutenção, a continuidade e o qualificar da vida *no* e *do* cosmos. Biosofia, portanto, dialoga com ecologia, *ecobionomia*: preocupações com a casa comum, na concepção de Fritjof Capra, Leonardo Boff, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Morin e Georges Canguilhem, entre outras e outras que pensam a vida mais amplamente em seus contextos e possibilidades.

Biosofia se constitui enquanto pensar e sentir, sentir e pensar, com repercussões atitudinais, em um movimento sequencial de reflexão, compreensivo das limitações e circunstâncias históricas e, portanto, fabricadas, em certa medida; aleatórias, em outra, mas significativo para a existência do *bios*, enquanto reino da individualidade e da diversidade e *zoé*, como o *elã* presente nos seres (MELLONI, 2011). Nesta linha de análise, a Biosofia se esforça para ampliar sentidos além das atribuições superficiais e superficializadoras acerca da vida, das existências e das vivências e, nesse âmbito, discutir aproximações potencializadoras do alargamento conceitual em diálogo (CASSOL; PITHAN DA SILVA, 2019) com possibilidades de ação comprometidas com a sabedoria *na*, *da* e *para* a vida.

2 Biosofia como sabedoria para a vida cosmológicamente compreendida

A sabedoria exigida para a vida humana, potente para compreender a complexidade da vida cosmológica, indica uma reflexão empoderada e autorizada para efetivar transformações, ações no horizonte da práxis, atitudes plurais que vejam, compreendam, atendam a dignidade humana e a riqueza complexa e diversa da vida. A Biosofia compreende que ao organizar e desenvolver atitudes, enquanto racionais e emotivos, o ser humano envolve-se também na dimensão política pois realiza escolhas e toma decisões que impactam, interferem e significam os mundos. O que não deixa de ser uma tarefa humana com condições de ser melhor a cada momento. Por isso, parece ser necessário ocupar todos os espaços de poder e fazê-los acontecer na radicalidade das ações de cuidado, de responsabilidade e compromisso com a auto existência e, em relação de

sabedoria ética, com os mundos em existência, as possibilidades e perspectivas que podem ser gestadas desde essa realidade e os mundos vindouros, ainda efetivamente desconhecidos, porém, com condições de serem pensados.

Biosofia é compromisso com a vida - em seu sentido *lato e stricto* -, com o outro, com o mundo sem permissões postergações, tanto na dimensão do pensar, das atitudes, quanto dos compromissos e construções dialógicas de compreensões. O movimento precisa acontecer agora, já; é imediato, nesse momento, no espaço, na condição que se ocupa, na função e missão que se desenvolve. A sabedoria precisa estar envolvida ininterruptamente na práxis diária; não é permitido deixar para depois à medida que essa possibilidade, quando se trata de Biosofia, de sabedoria de vida, implica diretamente o cuidado com o/a outro/a outra, com a vida. O compromisso é permanente, ininterrupto e se constitui em exercício da liberdade na práxis política em prol da vida e sua qualidade nas relações existenciais, na manutenção e continuidade da vida, como compreende Enrique Dussel (2002). Sugere-se que, neste sentido, ao se falar, pensar e compreender a Biosofia, evidencie-se a preocupação com a radicalidade/compromisso das ações pois há urgência de atitudes que envolvam a integralidade do ser todos e todos os seres na construção, compreensão e instituição de sentidos profundos e amplos com a vida. O depois já se apresenta falha e permissividade diante da urgência que o clamor angustiante e ansioso demanda pela perpetuação do sentido mais original e autêntico do existir e da preservação da diversidade expõe com gritante clareza diariamente.

A sabedoria de vida precisa ser ativada agora; é a vida que se percebe sendo consumida e, com ela a possibilidade da justiça, do cuidado, do ético, da igualdade e da equidade, das oportunidades, espaços e tempos para a diferença de ser, de entendimentos, de compreensões, modos e vias. No cenário da violência sobre a vida, a própria sabedoria se esvanece. Assim, pensar no movimento da Biosofia equivale a não indicar algo novo e substancialmente essencial, absolutamente verdadeiro, como pretensões absolutas, mas a elevar a necessidade de pensar, criar, produzir, construir, situações de vida, de existência e de compreensões que se abram para uma *biocosmologia* enquanto processo instituinte de instâncias dialógicas, democráticas, comunicativas, das pluralidades. É preciso posicionamento no pensar e no agir atento para as vinculações plurais que a consecução da condição humana exige em relações com a *ecobionomia*, com a integralidade, com a dinâmica cosmológica e a complexidade epistemológica.

Na compreensão de Edgar Morin (2015), em *Ensinar a viver*: manifesto para mudar a educação, a sabedoria de vidas implica ter compreensão em duas direções: a compreensão intelectual, capaz de dar conta da complexidade das

relações entre texto e contexto, global e local e a compreensão humana, como abertura para o outro, empatia, simpatia, saber o que o outro vive. É nesta perspectiva que o Morin, de *Cabeça bem feita* compreende o dever da filosofia que, neste ensaio também pode ser incorporado no compromisso da Biosofia, como possibilidade de “contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador” (Morin, 2014, p. 23), pois

A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi a sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o professor de filosofia, na condução de seu ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como à literatura e à poesia, alimentando-se ao mesmo tempo de ciência e de literatura. (MORIN, p. 2014, p 23).

A ética, nessa relação, compreendida como costume, não pode mais ser assim considerada porque, então, justifica qualquer ação. Se ética é costume e o costume, no entendimento da lei de Gerson, é “dar um jeito” para tudo ou, mesmo, para algumas situações impondo ou propondo condições, a ética e a vida, então, se inviabilizam, inclusive porque a sabedoria já está ausente nesse costume: não há reflexão, o pensar histórico-crítico foi afastado e as perspectivas de amplitude, profundidade e pluralidade foram, antecipadamente, extraídas da viabilidade de quaisquer relações. A Biosofia enquanto sabedoria de vida, questiona o costume da ética, o lugar da ética, a própria compreensão da ética e, por decorrência, da moral e das legislações.

3 Biosofia: sabedoria de vida e possibilidade de problematizar sentidos

Para compreender com mais propriedade as propostas do movimento biosófico, faz-se necessário indicar alguns sentidos que pautam os horizontes deste ensaio em um primeiro momento, a partir das etimologias de gênese grega e latina. Parte-se, desse modo, de *βίος-σοφία* como sabedoria de vida; *intelligentia vitae*, como compreensão da vida; *intelligentiam vitae*, enquanto uma compreensão da vida; *intellige vitae*, com o sentido de compreender a vida; *sensu vitae*, a vida inteligente e *sapientia vitae*, que aproxima a sabedoria, a filosofia da vida, para muito além do instrumental e do biológico, aqui nessa compreensão com sentidos superficiais enquanto apenas fragmentos de toda a complexidade

cosmológica da vida. Compreende-se que a *Biosofia* se propõe a caminhar no sentido da constituição de compromissos inadiáveis e inalienáveis em todas as fronteiras e conexões relacionadas com a vida e com a sabedoria.

Biosofia como sentido biológico, humano, racional, sentimental; pensamento e emotividade constituem compreensões centrais na formulação desse complexo de sabedoria que pensa para além das necessidades imediatas, fisiológicas, mas considera-as como proposituras iniciais permanentes para desencadear, sempre em tensionamento ampliado, contínuo e aprofundado, que todas as pessoas possuem saberes de todos os tipos: intelectual, sensível, emocional, intuitivo, teórico, prático, gestual (SANTOS; GAUTHIER; FIGUEIREDO; PETIT, 2004). Esta amplitude conceitual permite compreender Biosofia como uma palavra a ser pensada amplamente enquanto totalidade/complexidade do eu, do outro/da outra a partir das relações pessoais, sociais, sistêmicas, biocossmológicas e institucionais e abrange outras complexidades num imbricamento relacional de movimento permanente em aprofundamento e amplitude, de modo que viver a vida implica pensá-la e aí, sugere-se, reside a sabedoria.

Para compreender essa sabedoria que pensa, compromete-se, envolve, implica e expressa a vida enquanto *biocosmologia* e *ecobionomia*, e, desse modo, promove a existência como harmonia a partir do horizonte da dignidade humana, sugerimos um caminho de reflexão que não pode desconsiderar a pluralidade e ambivalência do sentido de vida, como expressa o esquema que apresentamos, a partir do horizonte de análise de algumas das diversas complexidades da existência, componentes do grande mundo da vida:

Figura 1: Biosofia



Elaborado pelo autor.

Um das formas mais coerentes de dizer o que algo é – se isso for necessário – é partir do anúncio do ainda-não. Dizer o que não-é, pelo menos no ainda-não, é incorporar a antropogenicidade nos processos e porque sempre o que se diz é a partir do humano de quem, pela racionalidade, projeta-se a perspectiva da sabedoria, mesmo que como proposta, possibilidade. Desde o humano há o indicativo, nesta chave de pensamento, da consciência do cultural, do histórico-social e da condicionalidade e de circunstancialidade fisiológica, biológica, psico-emotiva e intelectual que se presentifica e essencializa na compreensão e na ação, ainda que como potência. Ainda que por caminhos heraclitianos, é possível que no ser haja o não-ser e, nessa perspectiva biosófica, no não-ser, há o ser. Permitimo-nos essa curva ontológica para pensar que na possibilidade algo se concretiza; algo possível, talvez mais do que necessário pois a coisa, o algo, acontece do modo cultural que é visto, percebido, compreendido.

Desse modo, é no mundo humano que a forma toma a condição de vitalidade significativa e, desde aí, pode ser comunicada, compreendida, como independente do humano. Válido, necessário e potente por si próprio, algo é e pode ser com seu valor, na compreensão de Maturana e Varela (2001). A sabedoria

do humano, enquanto compreensão integral – não dada em um único momento, mas construção, busca constante – da vida e, igualmente, integradora, expressa esse, entre outros sentidos sobre a coisa, o algo, os elementos, do cosmos e, mesmo vendo-se, racionalmente, como detentor da capacidade de ver desse modo, reconhece o conjunto de complexidades e ambivalências/plurivalências que se implicam e interferem nos mundos concretos e imaginários. O demais, o ainda-não, o além, é a possibilidade, aquilo que da coisa, de algo, não se conhece e, talvez, não se venha a conhecer, inclusive a coisa, o algo. O que se pode dizer, saber e, mesmo, usar, comunicar da coisa, do algo, do objeto, é o que a cultura nos permite, nos possibilita nas atuais circunstâncias. Inclusive, a própria circunstância é, de algum modo, in-circunstanciada. Ele é apenas aquilo que, enquanto razão, se consegue compreender, assimilar, apropriar. O algo dado contém o não-dado, o ainda-não-dado e, talvez, o indizível, o in-dável. Deixamos escapar muito mais da coisa, de algo, do que conseguimos assimilar, compreender. A consciência desse acontecer é, nesta análise, também sabedoria porque opera na demonstração da incapacidade humana de conhecer o todo e tudo, de significar e dominar, mas abre a porta para a busca como campo aberto de horizonte infinito, belo e sempre significativo.

Biosofia se apresenta, deste modo, como terminologia a ser pensada e compreendida sem pretensão de totalidade, mas sabedora da complexidade e da

ambivalência/plurivalência dos mundos, das relações, das narrativas, desde os horizontes do Eu e do/a do outro/a. Não como ordem estática, determinação, mas dinâmica, em sentidos endógenos e exógenos. A partir das relações individuais, subjetivas, pessoais para aquelas interrelacionais, intersubjetivas, e institucionais, com envolvimento das outras complexidades e do imbricar relacional no sentido de a vida se faz ao viver com a perspectiva ativa do pensar, para ser, desse modo, sabedoria. Nessa abertura para a sabedoria, o texto *Estrutura da vida cotidiana*, de Agnes Heller, ensina a vivência em comunidade e cultivar de valores, e sugere que a vivência possibilita consciência, conduz para modos de ser que levam a aprendizagens. Neste entendimento, a consciência aparece como estratégia de vida e, portanto, sabedoria, pois desenvolve preocupações interdisciplinares, inter-étnica e ética.

Em uma perspectiva biosófica, não é mais possível fugir do diálogo, dos tensionamentos, dos conflitos, mas eles se constituem em uma elaboração teórica que atinge a prática e repercute nas ações, no cotidiano, na realidade e reelabora as concepções, as compreensões. O debate segue, assim, no sentido da provocação, da problematização das ideias, das ações e compreensões interrelacionando o falar e o fazer, o compreender e o agir, a teoria e a prática. O aprendizado que se constrói como sabedoria, impacta positivamente no conjunto do humano, do ser, nas ciências, do cosmos porque amplia conceitos, compreensões e ações/atitudes justamente porque não é uma questão de opor ciência à sapiência (ALVES, 2002), mas de aproximação, complementaridade, diálogo. A Biosofia se expõe, nesse sentido, como um diálogo, uma construção permanente com interferências práticas, as quais podem ser visualizadas, pensadas, assimiladas na dinâmica da permanência reflexiva, crítica e integrada ao conjunto biocosmológico nunca de todo possível de abarcamento. Embora seja necessário abraçar entendimentos, elaborar e desenvolver compreensões e tecer narrativas que a própria sabedoria exige, a consciência da limitação do que se faz, do que se pensa, sempre é limitada e passível de expansão.

No movimento da Biosofia, talvez, a grande sabedoria seja a da consciência do saber limitado, mas, ao mesmo tempo, do saber que é preciso, continuar a buscar, a compreender, a fazer escolhas, tomar atitudes. A sabedoria está na compreensão de sua limitação e também no desejo de continuar e ampliar o saber. Sabedoria indica não somente que se pensa, mas que se quer pensar, que não se está satisfeito, pleno, completo, com que se sabe, com o que se faz, e, nesse movimento, se almeja uma vida que se entende, ela própria, insuficiente, e, justamente por isso, quer se satisfazer, quer se completar, quer ser melhor, não como pretexto de querer ser perfeita, absoluta, mas que, se

compreendendo imperfeita, quer ser melhor. Uma sabedoria que se entende não perfeita, não absoluta, aberta, imperfeita, limitada, e, por isso, se coloca na condição de superar os dualismos, as fragmentações e, talvez, se situe num primeiro momento, como práxis não somente superação no discurso, mas no concreto do envolvimento, da ação cotidiana. A sabedoria, ao se entender limitada, caminha para um ideal de superação sem colocar-se como *telos*, como ponto final, como explicação de tudo e do todo; se apresenta na humildade da consideração dos laços todos, do *plexus*, das complexidades e plurivalências. Caminha a Biosofia, em direção à sabedoria que busca nos sentidos comuns, nos mitos, nas religiões, nas ciências, nas técnicas, nas filosofias, em todas as dimensões da vida e dos conhecimentos, elementos para se constituir melhor, para se constituir sabedoria e, desse mesmo modo, para construir uma vida melhor, existências mais significativas que se pensem sempre em relação como uma comunhão, interdisciplinaridade, inter-relação. Sabedoria supera a questão de inteligência, de ciência, de domínio e visualiza que pensar certo é fazer certo (FREIRE, 1996) pois sabe que não há um saber absoluto e, tampouco, um pensar absoluto apesar de, em algum momento, serem hegemônicos.

4 A dimensão democrática da Biosofia e o compromisso com a sabedoria

Paira na sociedade, um costume, um ensinamento e uma acomodação diante do pensamento fragmentado, o que não é Biosofia, pois a vida é cosmologia, complexidade e ambivalência. Essa mesma fragmentação, pela sua natureza, esquece o conteúdo, o sentido e o esforço para superar a tendência de fragmentar, de separar. Na Biosofia, o esforço segue no sentido de unir, de juntar, de criar pontes. Biosofia não é incoerência porque compreende que a condição humana tem elementos interessantes que precisam ser pensados em relação, em interrelação, embora haja uma tendência filosófica na modernidade, e mesmo agora nesses tempos que compartilhamos, que se contenta com a apologia à exclusão, especialmente porque assentada em convicções absolutizadas e, deste modo, todas as demais compreensões são excluídas. Nessa instância de análise, a naturalização se institui como um problema para a Biosofia porque fundamentaliza posições, modos de ver o mundo, abandonando formas mais complexas e o encontro com as pluralidades. A Biosofia pode ser pensada dentro da pós-modernidade ou modernidade líquida, como compreende Bauman, de onde as relações humanas, sociais, filosóficas, pedagógicas e científicas podem

desenvolver movimentos dialógicos de integração e superação da hegemonia do saber absoluto.

As coisas todas da vida também são assim. As ideologias, as compreensões, as contribuições podem ser pensadas, refletidas e desenvolvidas com base na complexidade e na ambivalência/plurivalência. Podemos perceber as contradições de nossas próprias teorias e convicções, suas limitações. Então, porque uma tradição filosófica não dialoga com a outra ou há, ainda, uma grande resistência nesse sentido? Se nós não pudermos dialogar, se as teorias não se colocarem no horizonte da relatividade, então ainda não estamos na pós-modernidade, como querem alguns/algumas, na era da liquidez como querem outros e outras e, mesmo, na contemporaneidade. O texto de Boaventura de Sousa Santos, *Para ler em 2050*, disponível na Carta Capital da primeira semana de setembro de 2015 parece indicar o quanto ainda é preciso aprender a desconstruir algumas estruturas que se cimentam com facilidade. Mas desconstruir o quê? e para quê? Na definição desses elementos, está a sabedoria: identificar quando, como, por quê, onde, quem... sob quais condições... o que ocupa o lugar do que foi retirado?

A Biosofia nasce na humildade do reconhecimento do/a outro/a, do diálogo (CASSOL; PITHAN DA SILVA, 2019), do diferente, da sua insuficiência, da generosidade compreensiva das contribuições históricas e das possibilidades de doação, da mutualidade. Apresenta, então, uma arquitetura de coerência, de comprometimento, de fraternidade e de cuidado porque sabedoria pode ser lido como uma espécie de parceria entre o tempo da vida e o tempo do trabalho; o tempo da existência e o tempo da vivência, seus modos, suas realidades e suas possibilidades. A Biosofia enquanto sabedoria de vida, esforça-se na construção de um pensar para agir e, a partir do agir, do caminhar, abertura para pensar, para teorizar, para refletir; concepções e ações que não se excluem, compõem movimentos de protagonismo. O movimento biosófico acontece no horizonte do eu, da alteridade, na dimensão familiar, na comunidade, no trabalho, na região, a partir das necessidades, das perspectivas, dos sentidos, daquilo que se comunica e se omite. Enquanto sabedoria de vida, para a vida, com vida, considerando as diferenças e as concepções distintas, distantes e diversas. Nesse sentido a Biosofia qualifica a vida com sabedoria, para além do aqui e agora, transcende, abre horizontes, possibilidades vitais, positivas, como parece ser o sentido expresso por Zuchi no capítulo 2 deste livro. Uma vida sem Biosofia é uma existência sem diálogo, sem intersubjetividade. É vida isolada, simplificada, superficial. Nesta perspectiva, as questões existenciais não podem ser separadas das transcendentais.

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano (MORIN, 2001, p. 15).

Colocar-se no modo *aprender* parece ser uma das condições da Biosofia. E o aprender, nesse *power* refere-se a ser, pensar, fazer, constantemente porque a vida acontece, não tem *standbys*. A sabedoria de vida indica a necessidade de aproveitar o poder, a autoridade, as condições disponíveis e em oferta no momento para efetivar transformações, desenvolver ações com potência e amplitudes significativas, que impactem, sem esquecer que aproveitá-las simultaneamente, para gerar outras possibilidades para trabalhar na direção da manutenção e continuidade da vida (DUSSEL, 2002); fazer algo nessa seara, agir, desenvolver atitudes, assumir a condicionalidade política do humano, como ensina Aristóteles, Hannah Arendt, Cornelius Castoriadis, pois ali se evidencia a instância das decisões. Biosofia, como sabedoria de vida, sugere a necessidade da ocupação de todos os espaços de poder e, desde eles, fazer acontecer na radicalidade das ações de cuidado e compromisso com a vida, com o humano, com o cosmos. Nessa *biocosmologia* se encontra a alteridade, o mundo em existência e em perspectiva. O compromisso é agora e o agora é imediato, nesse momento, no espaço, na função ocupada, na missão em desenvolvimento. Procrastinar se coloca como omissão, recusa e repulsa à sabedoria que compreende a reflexão como permanência e a atitude de pensar e realizar na manutenção e continuidade da vida, como constância. Sem *megalopretensões* a Biosofia se estabelece em movimento de compromisso permanente, ininterrupto, nos vários e diversos campos das existências e das ações humanas que, pela sua condição, podem ou não se colocar ao lado da vida. Nessa lógica, a sabedoria da vida também é exigência de justiça, de cuidado, de igualdade de oportunidades e espaços, de respeito e valorização das diferenças, dos entendimentos, das compreensões. Pensar a Biosofia equivale a não indicar algo novo e substancialmente essencial, absolutamente verdadeiro, uma segurança *ad referendum* e infinita, mas a elevação da necessidade de pensar para criar, produzir, construir, situações melhores de vida, de existência e, desse modo, a continuidade, a permanência, da vida no cosmos.

A ética, nessa relação, compreendida como costume, não pode mais ser considerada apenas costume, porque, então, justifica qualquer ação de grupos isolados e seus hábitos. A Biosofia questiona o costume da ética, o lugar da

ética, a própria compreensão da ética. A sabedoria que pensa o horizonte infinito da vida, no sentido biológico, humano, racional, sentimental, emotivo, social e individual, não se acomoda; antes clama e chama ao diálogo (CASSOL, 2019) porque acredita que todas as pessoas possuem saberes que podem não agradar ao coletivo, não confluir para o bem comum, mas seus saberes intelectuais, sensíveis, emocionais, intuitivos, teóricos, práticos, gestuais (SANTOS; GAUTHIER; FIGUEIREDO; PETIT, 2004) ao se colocarem à mesa comunicativa podem ser compreendidos nas suas intencionalidades e possibilidades e, validados ou não a partir da potência que têm para manter o objeto central de toda a existência, a vida – *biocosmologia* –, a dignidade humana.

Em nós mesmos, humanos que somos, há a dimensão do objetivo, do subjetivo, do intersubjetivo bem como da decadência, da imanência e da transcendência, dimensões todas como abertura para a possibilidade, para o novo, para a realização. A condição do humano lhe oportuniza ser uma pluralidade de possibilidades operando no mundo da complexidade e da ambivalência. Nesse campo se encontra, também, a amplitude dos sentidos de vida, de sabedoria e das crenças que sustentam o humano e de toda *biocosmologia*. Isso sugere que a sabedoria não se contenta, não abdica do movimento de ampliação das compreensões e do redimensionamento das atitudes e parece reivindicar o desenvolvimento da missão do educar que pode contribuir – compromisso – com que os indivíduos desenvolvam suas atividades desde o horizonte reflexivo ampliado: saber o que faz, porque faz o que faz, para que/quem desenvolve seu fazer, o que seu fazer significa. Aparece, nesta problemática, a educação como um lugar das múltiplas tessituras, do plural fomento e um dos nichos da reflexão biosófica - como é possível compreender a partir de Zuchi no capítulo 2 deste livro - na agenda do compromisso com a *biocosmologia*.

Ao compreender que a grande filosofia trabalha para a grandiosidade do indivíduo que a cultiva, apresenta-se a sabedoria que percebe o gesto violento de obrigar ao pensar profundo, de forma erudita, contudo, revela-se, instantaneamente, o valor e a necessidade de pensar o cotidiano, a própria vida, as relações e o conjunto complexo e ambivalente da *biocosmologia*. A Biosofia encontra a lição de Antonio Gramsci (1891-1937) para quem aí também reside o papel do intelectual orgânico e da condição de filósofo que todos somos. Desse modo, mesmo que ninguém possa obrigar o/a outro/a à pensar, não pode, igualmente, agir como se o/a outro/a não pudesse pensar ou agir de forma opressiva, exploradora, justamente porque o/a outro/a não tenha, ainda, desenvolvido a capacidade, a potencialidade, de pensar, ou não se dispôs a pensar. A ação do/a agente precisa considerar a eticidade e isso implica consciência – saber

circunstancial – da alteridade do/a outro/a que, até o momento, não atingiu ou compreendeu a necessidade ou a condição do pensar, da razão, da crítica e, talvez, nunca a desenvolva.

As primeiras reflexões biosóficas reivindicam um fundamento não metafísico ao compreender a potencialidade do poder, da autoridade, que cada indivíduo tem para efetivar transformações, para desenvolver ações e pautá-las no horizonte da práxis. Põe-se a necessidade de ocupar os espaços de poder e fazê-los acontecer na radicalidade das ações de cuidado na orientação da Biosofia enquanto compromisso com a vida - em seu sentido lato –, com o/a outro/a, com o mundo, visto que parece ser da práxis que decorre a elevação da necessidade de pensar para criar, produzir, construir, situações melhores de vida, de existência, de compreensão. É preciso posicionamento, compromisso no pensar e na ação com visibilidade centralizada na condição humana e para Biosofia que também pode ser compreendida como a filosofia que faz pensar com a existência humana e suas circunstâncias (ZUCHI, 2015), busca, na compreensão biosófica, sua significação no âmbito deste mundo, sua legitimidade ou conhecimento do curso histórico no seu todo – como historicidade – acerca da problemática humana, valores éticos, políticos, estéticos e na dimensão sócio-econômica (ZUCHI, 2014), e desse modo opera “na contingência e na complexidade, [para] não perder o foco da centralidade da vida humana em seu habitat” (SANTANA, 2012, p. 03).

Biosofia não é nova área do conhecimento, mas uma interdisciplinaridade, um diálogo (CASSOL; PITHAN DA SILVA, 2019) no sentido baumaniano, um diálogo com o diferente e, também, uma racionalidade disposta à comunicação, na compreensão de Habermas. Nesse movimento, a Biosofia parece incorporar a dimensão da essência e da existência, da concretude da vida, das relações de alteridade, com os/as outros/as, com o mundo, com as instituições (CASSOL, 2008) e incorpora, também, a dimensão do imaginário, das subjetividades, das condições ontológicas dos indivíduos, aquilo que são suas compreensões, as marcas das suas humanidades, das expressões e anseios de vida, de existência. Nesta perspectiva e análise, Luc Ferry (2020), compreende que a filosofia, desde sempre, a partir dos filósofos clássicos gregos, apresentou três questões: a questão da verdade, a questão do bem do mal (a filosofia teórica e a filosofia prática), e a questão da boa vida (a questão a salvação, da sabedoria). Quanto mais nos preocupamos com nossas limitações, com nossas contingências, na compreensão da Schopenhauer, mais tecemos problemas filosóficos para realizar o esforço de compreender a vida. Tornar a filosofia obsoleta é demonstrar que, enquanto indivíduos, enquanto humanos, enquanto racionais,

não somos capazes de nos preocupar com as questões de nossa existência, com as nossas questões, ou nem estamos interessados nelas. Então desqualificamos a capacidade do pensar, da reflexão, de nos ocupar com as nossas questões, com as nossas coisas.

A Biosofia, enquanto sabedoria, segue na compreensão de Ferry (2020), para quem a interrogação sobre a vida é a demonstração de que estamos no mundo da filosofia e que ele nos auxilia a pensar sobre a existência humana, sobre a condição humana, de modo que há quatro grandes preocupações e/ou possibilidades de respostas para o que é uma boa vida: 1) harmonização de si com a dinâmica do mundo, com a harmonia cósmica; 2) harmonizar a vida com Deus, com o divino, com o transcendente, embora, 3) para os humanistas iluministas do século XVIII, a perspectiva era harmonizar a sua vida com a vida de toda a humanidade; 4) a partir do fim do século XIX, a boa vida é a harmonização de si mesmo não com Deus, não com o cosmos, não com os demais seres humanos, mas consigo mesmo. Uma harmonia de si para consigo mesmo, na linha teórica dos psicólogos positivos, de Freud, talvez, ainda que distante, de Nietzsche. Porém, para Ferry (2020), a resposta mais interessante é o esforço da harmonização de si com as pessoas que amamos ou poderíamos amar, porque não existem apenas as pessoas próximas a nós, existem pessoas diferentes no mundo todo que podem ser amadas por nós. A grande resposta é o amor que dá sentido às nossas vidas, embora seja o mais difícil.

5 A sabedoria não se fecha: novos elementos para aprender a viver ainda mais

Para não concluir, mas para sintetizar a compreensão do que seja, num primeiro momento, o movimento da Biosofia, e para continuar a pensar desde esse horizonte da sabedoria contínua, profunda e alargada sobre a vida, o parágrafo 47 da encíclica *Fratelli Tutti*, pode ser reivindicado como bela imagem, ao dizer que “A verdadeira sabedoria pressupõe o encontro com a realidade” (FRANCISCO, 2020).

Nas palavras de Zuchi (2014, 2015, capítulo 2 deste livro), a sabedoria é atitude antiga, atual, futura, mas sempre compromisso enraizado no eco da vida; se personifica nas experiências humanas em uma dinâmica de historicidade, de diálogo, alegria e esperança que dá vigor a quem se faz presente. A alteridade se empodera e rejuvenesce em cada momento histórico, pois a Biosofia se mostra

baluarte, esteio, que fomenta essa sabedoria com a reflexão e a ação. É atitudinal. Faz Viver. Viver com sentido e dignidade.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 7.ed. São Paulo : Edições Loyola, 2002.

CASSOL, Claudionei Vicente. A missão da Filosofia na Escola Básica. In.: KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALLI, Idalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Orgs). **Filosofia, Formação Docente e Cidadania**. Ijuí : Ed Unijuí, 2008. P. 143-163).

CASSOL, Claudionei Vicente; PITHAN DA SILVA, Sidinei. Ambivalência em perspectiva: a questão de um paradigma em gestação no mundo líquido. In.: FÁVERO, Altair; TONIETO, Carina; CONSALTER, Evandro. **Leituras sobre Zygmunt Bauman e a educação**. Curitiba: CRV, 2019. P. 37-54.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Cercanias de um diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. 2.ed. Petrópolis : Vozes, 2002.

FERRY, Luc. **O que é uma boa vida para os mortais?**. Disponível no endereço: <<https://youtu.be/prwGqwsSBK0>>. Acesso em 04 de outubro de 2020.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli tutti**. Disponível no endereço: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em outubro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELLONI, Javier. **Hacia um tempo de sínteses**. Barcelona : Fragmenta Editorial, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre : Sulina, 2015.

SANTANA, Hélio Inácio. **Biosofia** - sobre a Vida. [Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Filosofia Integral] Vol. 01, p. 03-04, 2012.

SANTOS, Iraci; GAUTHIER, J; FIGUEIREDO, N. M. A. ; PETIT, S. H. **Prática da Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais** - Abordagem Sociopoética. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo : Palas Athena, 2001.

ZUCHI, Claudir. **Encontro do Grupo Biosofia**. Registro nº 02. Livro de Registros Núcleo de Estudos Filosóficos, p. 42. 2015.

ZUCHI, Claudir. **Encontro do Grupo Biosofia**. Registro nº 06. Livro de Registros Núcleo de Estudos Filosóficos, p. 40-12. 2014.

